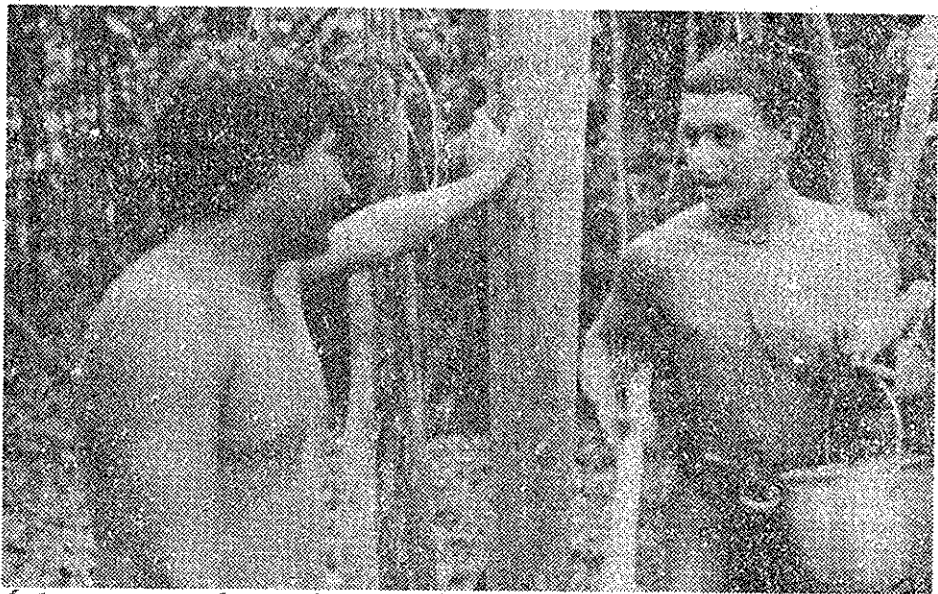




Sertanistas e índios araras trocam presentes no encontro no Alto Xingu



Índios araras ganharam ferramentas, panela e farinha. Deram jabuti e carne

Cl
P
Foi
Dat

Funai faz o primeiro contato com os araras

Depois de 11 anos de tentativas, finalmente os índios araras, os últimos indígenas brasileiros não amistosos, foram contactados pacificamente por um grupo de atração da Funai. Foi um contato fugaz, mas certamente foi o primeiro passo rumo ao fim do pesadelo de todos os que tentavam embrenhar-se pelas matas, nas proximidades das tribos araras, pois isto poderá por fim aos constantes ataques dos índios.

A primeira aproximação entre eles e homens brancos se deu no início do mês passado, quando cinco araras se aproximaram dos elementos da frente de atração da Funai, que há longo tempo permanece nas matas. Junto com a equipe da Funai estava a fotógrafa Bitá Carneiro, que forneceu os maiores detalhes da aproximação.

A existência dos araras foi registrada pela primeira vez em meados do século passado. Desde o meado deste século a presença destes índios se tornou marcante, já que eles atacavam todos os que se aproximavam de suas terras. Os que mais sofriam eram os caçadores, os seringueiros e funcionários em serviço de levantamento topográfico. Os ataques dos araras se tornaram mais frequentes, porém, quando da abertura da Transamazônica.

A abertura da estrada trouxe duas consequências. Uma para os índios que tiveram de se embrenhar ainda mais fundo nas matas para poderem sobreviver. Outra foi da Funai que em 1971 criou sua frente de atração dos araras. Esta frente, ao longo de seus 10 anos de existência, sofreu diversos ataques, tendo seis funcionários gravemente feridos em suas expedições pela mata.

Nova frente

Diante da inutilidade destas excursões a frente foi redefinida, ganhando uma nova filosofia. Os indigenistas acreditaram que os índios já estavam exaustos de tanto fugir dos invasores, Funai inclusive. Interditaram a área dos araras e retiraram de lá todos os invasores. Com isto os indígenas puderam reconstruir suas roças e fixar-se.

No início do ano passado a nova frente reiniciou seus trabalhos. Os elementos da expedição armavam seu acampamento numa área que se imaginava próxima à dos índios. Todo dia eram colocados presentes e comidas no *tapiri*, construído para este fim. Quase ao final do ano, depois de por diversas vezes pegarem os presentes, os índios esboçaram uma aproximação. Mas, espantados por alguma coisa fugiram para a mata.

A frente deixou o local e os contatos foram reiniciados no início de 81. Sobrevoando uma extensa área, de helicóptero, os indigenistas localizaram uma tribo. No local acampamento, o PV 1, foi montado. Novamente a tática dos presentes colocados no *tapiri* foi adotada. No dia 2 de fevereiro, depois de muitas visitas, os índios se aproximaram desarmados.

No outro dia fizeram cinco visitas consecutivas ao *tapiri*, construído a 150 metros da casa de atração, outra vez desarmados. As visitas culminaram com a aproximação de cinco índios com os elementos da frente de atração. Entre risos e conversas os araras permaneceram no posto por mais de uma hora. Do contato sobrou a certeza de que os araras pertencem ao tronco linguístico Karib.

Segunda visita

No final do mês passado, os índios voltaram. Eram 17h quando muitos gritos anunciaram a segunda visita. Eram os mesmos que tinham vindo antes, dois adultos de mais de 45 anos, dois rapazes de aproximadamente 20 e um menino de uns 12 anos.

Desta vez eles vieram com presentes: trouxeram pedaços de porco assado, dois jabutis, frutas nativas e uma taboca com água e mel. Os da frente levaram facas, panelas, redes e farinha. O contato entre os dois grupos se prolongou até o pôr-do-sol, o que deu para perceber mais aspectos da língua e da própria aparência dos araras.

Os índios são de estatura mediana e corpos fortes, cabelos cortados curto, em forma de cuia, o rosto em forma de lua. Usam uma taboca entre os septos nasais e uma porção de colares de missanga, vindas certamente dos muitos anos de atração. No alto do braço uma pulseira que segura o arco. Para não sentirem-se nus, usam um pequeno fio trançado amarrando o prepúcio na ponta.

Da conversa novos detalhes de suas vidas: vivem em duas grandes aldeias e só agora, com o fim das perseguições, puderam cultivar novos roçados, mas a mandioca ainda está nova. O índio mais velho informou que fazia muitas luas que ele e seus companheiros estavam escondidos na mata observando os estranhos.

Depois desta segunda visita, muitas outras já foram feitas, com os índios sempre trazendo e levando presentes. Até agora nenhuma mulher apareceu, mas os araras já trouxeram suas flautas mostrando sua música.

Jabutizão

Uma figura constante destas visitas é o menino arara de 12 anos, chamado Uaktô. Em uma das últimas visitas ele não resistiu em conhecer de perto a casa do posto. Do *tapiri* ele viu o jipe da frente e perguntou o que era aquilo. A resposta foi a de que era um jabotizão. Desconfiado, o indiozinho acabou indo conhecer o jabotizão, alisando várias vezes a carroceria do jipe.

De lá ele foi à casa, onde viu os presentes que haviam dado aos estranhos. Um dos elementos da frente colocou um disco na vitrola a pilhas, o que fascinou demais o pequeno arara. Mas o melhor momento foi na despensa do posto, onde está estoca-

do todo o mantimento e os presentes para os araras. Abriu todos os pacotes para saber o conteúdo.

A farsa, porém, começou quando ele viu a bola de futebol. Saiu da casa, largou os presentes num canto e saiu chutando a bola, dando gargalhadas. Só parou quando já estava exausto. Depois, Uaktô sentou e comeu um mingau de milho. A aventura do menino só seria encerrada depois de um passeio no jabotizão.

Aos poucos, os araras vão ganhando confiança e chegando à frente. Mas o trabalho dos elementos do posto também é de tentar garantir a tranquilidade e a própria sobrevivência dos índios, já que a área dos araras é muito cobiçada. Agora, com o sucesso deste primeiro contato, um outro grupo, chefiado por um dos indigenistas, segue para uma outra área na tentativa de localização e contato com outro grupo dos araras, que abandonou seu habitat, inclusive roças, com medo das invasões que ocorrem em massa na região.

INSTITUTO	
Documentação	
Fonte	DIÁRIO DO GDE ABC
Data	08/03/81 Pg
Class.	ARR 00066